

Data: 17.01.2014

Título: Erosão da zona costeira. Todos se queixam do mar e a culpa é 90% do homem

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 26;27

clipping  
consultores



A zona costeira entre o Douro e a Nazaré perde sete a oito metros de areal por ano. Além da subida do nível do mar, os rios já não repõem as areias devido aos obstáculos criados pelo homem

HUGO CORREIA/REUTERS

# Erosão da zona costeira. Todos se queixam do mar e a culpa é 90% do homem

O mar vai ganhando metros às praias do país, mas só 10% a 15% da erosão é natural se deve à subida do nível da água

DIOGO POMBO

[diogo.pombo@ionline.pt](mailto:diogo.pombo@ionline.pt)

As praias são como um rio de areia. E como qualquer rio, têm uma nascente e uma foz. É costume “dizer-se que as praias nascem nas montanhas”, defende João Alveirinho Dias, mas também já é frequente ver “as praias a morrerem no caminho para o mar”, lamentou o especialista em Dinâmica Sedimentar. E só uma parte pequena da culpa se deve à subida do nível médio da

água ou a fenómenos como o ocorrido no início deste mês, em que ondas gigantes galgaram terra adentro em vários locais da costa de Portugal Continental – entre 85 a 90% da erosão costeira encontra a sua causa no lado do homem, garante o investigador. E os portugueses importam-se “muito pouco” com isto.

A linha entre o Douro e a Nazaré é um exemplo “paradigmático” de como a acção humana,

aliada aos factores naturais, em muito agrava o desgaste das zonas costeiras. “Em condições naturais as areias vinham essencialmente do rio Douro, chegavam ao mar e, devido à acção das ondas, eram transportadas para sul, ao longo do litoral”, explica João Alveirinho Dias, da Universidade do Algarve. Se um rio seca quando “deixa de haver água nas nascentes”, também

as praias “nascem nas montanhas” mas acabam “por morrer no caminho”, devido à “cascata de barragens” que se construiu ao longo do Douro, avisou o investigador.

**BARRAGENS** Hoje a contagem vai em 64 barragens, explica Adriano Bordalo e Sá. O hidrobiólogo do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, da Universidade do Porto, lembrou que, na zona costeira a norte do Mondego, o rio Douro é “o grande fornecedor de areia” e drena 98 mil quilómetros quadrados, uma área superior à de Portugal Continental (cerca de 92



mil km<sup>2</sup>).

A partir da década de 60 e “64 barragens depois”, porém, “o caudal sólido de areias” passou de cerca 1,8 milhões de metros cúbicos por ano para 250 mil m<sup>3</sup>. Mas neste filme de factores humanos “existem vários vilões”. As dragagens para a construção civil ou por motivos de navegação, são um deles. “Retiram uma quantidade grande de areias dos estuários, que estavam à espera da próxima cheia para transportar sedimentos para o mar e alimentar o tal rio de areia”, queixou-se o Alveirinho Dias ao i.

No Douro até já houve períodos “em que o volume de areias legalmente retirado” foi superior “ao transporte total de areia” registado “durante um ano” pelo rio, alertou Adriano Bordalo e Sá. E “não só” se verifica “uma redução do transporte de areia”

devido às barragens, resumiu o hidrobiólogo, como o homem “intercepta o pouco que sobra”. Um pouco que “estava à espera da próxima cheia para levar sedimentos para o mar e alimentar o tal rio de areia”, explicou Alveirinho Dias. Por ano, esta zona da linha costeira perde “sete ou oito metros” de areal, alertou o investigador.

**OCUPAÇÃO** A areia vinda de rios é cada vez menor, e caso estes cursos de água “não transportem a quantidade necessária para colmatar falhas”, então “o mar encarregar-se-á de a ir buscar onde ela existe”, explicou Adriano Bordalo e Sá. Onde? “Nos cordões dunares”, rematou, antes de remeter para outro problema – o desordenamento da orla costeira. “De há 30 anos para cá, qualquer pessoa procurou ter uma casa com vista para

a água, nem que fosse para um balde”, criticou o hidrobiólogo.

A par de ausência de “uma gestão costeira integrada”, Bordalo e Sá lamentou que a “legislação portuguesa de ordenamento da orla costeira” não se aplique sempre que “se entre numa área sob jurisdição portuária”. Em Lisboa, por exemplo, equivale a não poder tocar numa extensão de 50 quilómetros.

Sem a acção humana restariam sempre os factores naturais. E aí uma das causas da erosão prende-se com “a mudança de orientação dominante das ondas”, indicou Filipe Duarte Santos. “Na nossa costa”, começou por explicar o investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a “directão dominante das ondas é Noroeste” mas “está a rodar no sentido dos ponteiros do relógio” – logo, verifica-se “um maior trans-

porte paralelo à costa, de Norte para Sul”.

Depois vem o aumento do nível médio da água do mar: que “está a subir, vai continuar a subir e está a acelerar todos os anos”.

## Números

# 1,8

milhões de metros cúbicos de areia era o caudal sólido do rio Douro, nos anos 60

# 250

mil metros cúbicos por ano é a quantidade do actual caudal

## Soluções

### Fórmula portuguesa: reagir muito e prevenir pouco

**REALIMENTAÇÃO** João Alveirinho Dias explica que o combate à erosão costeira passa por “medidas minimizadoras”, e defende que deve ser “o homem a levar as areias” e “realimentar o litoral”, fiel ao esforço para “manter as coisas tão naturais quanto possível”. Mas se a solução passar por ir buscar areia ao mar, Filipe Duarte Santos lembra que “a plataforma continental” de Portugal é “muito curta” – à medida que nos afastamos da costa a profundidade aumenta consideravelmente –, sendo por isso difícil dragar areia.

**ESPORÕES** Uma medida já adoptada (Costa da Caparica e Espinho são exemplos) é a construção de esporões, algo que os especialistas desaconselham. “Porque na parte Norte há sempre uma acumulação de sedimentos e na Sul uma erosão”, resumiu o investigador da Universidade de Lisboa. Já Bordalo e Sá explicou que um esporão “pode mudar um problema local, mas cria problemas regionais graves”, pois “interfere no movimento natural das areias” e “a água passa a circular ao contrário”.

**DESLOCAR** E se em vez de construir um esporão se deslocassem “meia dúzia de pessoas” para o interior? A sugestão é do hidrobiólogo da Universidade do Porto, embora compreendendo ser “dramático” dizer “às pessoas que têm de sair”. Duarte Santos foi o único a falar em construir barreiras de cimento, mas os três especialistas ouvidos pelo i foram unânimes num ponto: quando toca à orla costeira, em Portugal reage-se ao invés de se prevenir. “Quer-se actuar muito como bombeiros”, lamentou João Alveirinho Dias.

Data: 17.01.2014

Titulo: Erosão da zona costeira. Todos se queixam do mar e a culpa é 90% do homem

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 26;27



P&R

João Alveirinho Dias  
Especialista em Dinâmica  
Sedimentar da Universidade  
do Algarve

## “O homem invadiu o litoral quando a erosão ficou mais forte”

**Afinal a culpa cai mais sobre quem quando se fala em erosão costeira?** Cerca de 85% a 90% da erosão costeira em Portugal deve-se



às actividades humanas, enquanto os outros 10% a 15% se atribuem à subida do nível médio da água do mar. Portanto, é principalmente um problema causado por nós.

**Os portugueses têm noção disso?** Diria que têm muito pouca mesmo. E a culpa é dos meios de comunicação,

pois é mais espectacular falar na modificação global e da subida do nível do mar, do que responsabilizar as pessoas por aquilo que está a acontecer. É de loucos, um paradoxo tremendo.

**Porquê?** Porque a erosão costeira se começou a agravar a partir de meados do século XX, quando começámos a ocupar de forma muito intensiva o litoral. Por isso falo num paradoxo. A zona costeira está numa erosão cada vez mais forte, e é precisamente nessa altura que o homem decide ocupar em

força o litoral.

**O que será melhor: alimentar as praias com areia ou construir barreiras?** Também se tem que pensar no turismo. Se a solução for com meios suaves, ficamos com praias naturais que conseguem depois pagar os custos dessas medidas através do turismo. Quem quer ir a uma praia e estar no meio de blocos de rocha? O turista, o que interessam, não quer sentir que a praia é artificial. Uma intervenção suave é compensada através dos dividendos do turismo.